

DA VULNERABILIDADE AO PROTAGONISMO FEMINISTA: OS REFLEXOS DA LUTA ANTIDISCRIMINATÓRIA DE NÍSIA FLORESTA

Lorna Beatriz de Araújo¹ (PGB), Patrícia Gomes Sampaio² (PG).

1. Universidade de Fortaleza - Doutoranda em Direito Constitucional - Bolsista FUNCAP.

2. Universidade de Fortaleza – Mestranda em Direito Constitucional.

Resumo

O presente estudo analisa a evolução da vulnerabilidade ao alcance do protagonismo da mulher, por meio da aplicação da epistemologia feminista, através da vida de Nísia Floresta. Para refletir o tema, questionamos a maneira como a epistemologia feminista teve implicações na evolução do “ser” mulher enquanto sujeito de direitos e garantias fundamentais. Com o intuito de responder esse problema, primeiramente buscamos descrever o movimento feminista e o seu surgimento, depois trazemos aspectos sociojurídicos da evolução da vulnerabilidade à emancipação feminina, e por fim apresentamos uma síntese da vida de Nísia e a aplicação da teoria feminista enquanto epistemologia na sua realidade. Para embasar teoricamente, dialogamos com autoras que se destacam na literatura como Chimamanda Ngozi Adichie, Jorgelina Albano, Flávia Biroli, Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Djamila Ribeiro, Márcia Tiburi, Valéria Veiga e outras. Através desse estudo foi possível interpretar o objeto pretendido e concluir que o fato de ter uma epistemologia feminista na sua formação contribuiu significativamente para a atuação de Nísia Floresta na conscientização da mulher enquanto sujeito de direitos e garantias fundamentais.

Palavras-chave: Vulnerabilidade. Nísia Floresta. Epistemologia. Feminismo.

Introdução

A vulnerabilidade feminina é consequência da dominação masculina baseada na centralização do poder, onde os homens utilizam-se muitas vezes da violência para consolidar a supremacia no lar. Esse androcentrismo é imposto como intenção de ratificar o comando sobre o qual se alicerça, afirmando-se nas estruturas sociais e baseado na divisão sexual e reprodução biológica (BOURDIEU, 2019).

Atualmente esse fato fica ainda mais visível quando observamos que aproximadamente 52% (cinquenta e dois por cento) da população mundial é feminina, entretanto os cargos de poder e prestígio, em sua maioria, são ocupados pelos homens. Isso é considerado “normal” por ser



visualizado com frequência, repetidas vezes. Se só os homens ocupam a cadeira de chefia, torna-se comum que as mulheres não tenham chances de estar naquele lugar (ADICHIE, 2015).

O objetivo dessa supremacia masculina é instalar uma ordem moral onde a mulher ocupa posições subordinadas em relação aos homens, sendo obrigada a se voltar ao âmbito doméstico e sofrer diversos tipos de violência para mantê-la submissa, introduzindo o patriarcado como tática de controle de poder (HORITA, 2020).

Nas últimas décadas, a contribuição do movimento feminista enquanto epistemologia foi demasiadamente importante para a teoria política. O debate sobre a dominação masculina na contemporaneidade abriu portas para tematizar, questionar e complexificar as categorias centrais por meio das quais era pensado o universo político, tais como a noção de indivíduo, espaço público, autonomia, igualdade, justiça ou democracia (MIGUEL, 2014).

A luta das mulheres tem se voltado para o combate à desigualdade de gênero, empenhando-se na reflexão da teoria articulada à prática no que toque a constituição da mulher, sua (des)construção, evolução e necessidade de emancipação enquanto sujeito de direitos e garantias fundamentais. Considerando-se feministas todas as pessoas sujeitos de transformação, arautos da liberdade, destruidoras das evidências e armadilhas mortais dos dispositivos (SWAIN, 2017).

Para o enfrentamento amplo e universal do tema, seria necessário realizar um estudo muito mais profundo e multidisciplinar, ficando inviável para um artigo. Mesmo assim, com o intuito de obter uma visão mais específica e alcançar o objeto pretendido, trazemos a análise da aplicação da epistemologia feminista na perspectiva de Nísia Floresta, mostrando a evolução da vulnerabilidade ao protagonismo da educadora.

A educadora potiguar foi pioneira na temática da igualdade entre gêneros, lutou pela formação das mulheres e posicionou-se publicamente para defender que a vulnerabilidade feminina não deveria ser fator de discriminação. Nísia precedeu às normativas nacionais e internacionais que abordam o direito antidiscriminatório, mas o seu discurso e atitudes refletem a mesma ideia trazida pelos documentos.

O problema analisado no estudo verifica a evolução da vulnerabilidade ao alcance do protagonismo da mulher, por meio da aplicação da epistemologia feminista, tendo como exemplo dessa interpretação a vida de Nísia Floresta. Para refletir o tema, questionamos a maneira como a epistemologia feminista teve implicações na evolução do “ser” mulher enquanto sujeito de direitos e garantias fundamentais.

Com o intuito de responder esse problema, primeiramente buscamos descrever o movimento feminista e suas respectivas vertentes, depois trazemos a evolução da vulnerabilidade à emancipação feminina, e por fim apresentamos Nísia Floresta enquanto exemplo de mulher que adotou a epistemologia feminista para a sua vida e com isso transformou a realidade da sua época, sendo pioneira na luta antidiscriminatório.



Metodologia

O presente estudo buscou analisar a evolução da vulnerabilidade ao alcance do protagonismo da mulher, por meio da aplicação da epistemologia feminista, através da vida de Nísia Floresta. Para atingir esse objetivo foi realizada, uma pesquisa bibliográfica para que, com fundamentos nos escritos de autores renomados (sobretudo autoras) fosse possível compreender as temáticas, como a vulnerabilidade feminina, o patriarcado, a desigualdade de gênero, o empoderamento, o feminismo e a emancipação das mulheres.

Cumprir destacar se preferiu a atenção ao tema, em razão de ser um dever precípua do Estado a proteção de suas mulheres, mantendo-as livres de quaisquer formas de violência e/ou violações de direitos, como o legítimo de ocupar espaços de poder. Ademais, em razão da universalização do conhecimento e da importância da divulgação de estudos sobre o tema, houve o interesse em escrevermos sobre isso, o que viabilizou esse estudo.

Resultados e Discussão

A história de como o feminismo surgiu é pouco conhecida e sua bibliografia possui alguns desencontros, contudo compreende-se de maneira geral que feminismo chegou em meados do século XIX para contribuir na produção da teoria política, construindo uma crítica que vincula a submissão feminina na esfera doméstica e sua exclusão do âmbito público, questionando a discriminação de gênero e abrindo portas para a conscientização das mulheres e da sociedade (BIROLI, 2014).

O feminismo passou a ser sinônimo de liberdade, respeito e expressão da subjetividade das mulheres que não compactuam com os sistemas de dominação e hierarquização do poder. E contribuiu muito para uma considerável ampliação da área política, fazendo com que entrassem na esfera do discutível ou contestável objetos e preocupações afastados ou ignorados pela tradição, por parecerem pertencer à ordem do privado (BOURDIEU, 2019).

A formação feminista traz um universo complexo de análise, assumindo diversas frentes. De maneira geral, a intenção é buscar igualdade entre homens e mulheres, no sentido de enfrentar o sexismo e combater as raízes do patriarcado, que estão naturalizados no corpo social, tendo como pilar a interseccionalidade.

O pensamento feminista foi trazido para o Brasil ainda na primeira onda por Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma potiguar que despertou uma consciência crítica sobre a condição das mulheres na sociedade através da publicação de suas obras: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), *Conselhos à Minha Filha* (1842), *Opúsculo Humanitário* (1853) e *A Mulher* (1856). A autora traduziu para a língua portuguesa o clamor que vinha da Europa, trazendo as ideias para o contexto nacional, pensando nas mulheres do Brasil (MOURA, 2018).

No âmbito dessas primeiras manifestações de inconformidade com a dominação masculina, as mulheres reivindicavam o direito básico de ler e escrever, que até então era exclusivo dos homens no Brasil. A expressão feminina surge por volta de 1870, caracterizando-se pelo alto número de



jornais e revistas feministas que questionavam a tutela masculina e lutavam pela emancipação das mulheres e seus direitos, denunciando sempre a opressão e a insensibilidade masculina por não reconhecer os direitos femininos ao ensino superior, ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao voto. A imprensa se tornou uma rede de apoio, configurando-se como instrumento indispensável para a conscientização feminina (HOLLANDA, 2019).

Nos anos 1970 o feminismo foi marcado pela exuberância da luta contra a discriminação, alterando costumes e transformando direitos reivindicados. Organizações, congressos e eventos deram visibilidade às reflexões necessárias para conscientização política e melhoria nas condições de trabalho. Por iniciativa da ONU, 08 de março foi declarado o dia da mulher (HOLLANDA, 2019).

No Brasil, o feminismo é uma palavra que desperta resistência, preconceito e discriminação. Essa reação é desencadeada por pessoas que se posicionam contra o movimento que transformou a imagem da mulher feminista em sinônimo de mal-amada, machona, feia, contraponto à ideia do feminino na integralidade (HOLLANDA, 2019).

Esses estereótipos são ideias generalizadas, utilizadas para pré-definir alguém. O feminismo é um exemplo de estereótipo que precisa ser desmistificado, para que sejam desfeitos os mitos criados pelas ideias do patriarcado, que não condizem com o significado verdadeiro (ADICHIE, 2020).

Nessa perspectiva, a formação feminista propõe a emancipação da mulher através da conscientização, da libertação sobre os sujeitos de sua realidade. (SANTOS, 2010). Assim, o feminismo surge como um movimento de libertação das mulheres da opressão patriarcal.

Na época do patriarcado, a união de mulheres não era possível por ser considerada um ato de traição. Hoje em dia a empatia que proporciona nossa sororidade é fruto de um objetivo único: proteger os direitos e evitar a discriminação da mulher. Isto porque o verdadeiro sentido do feminismo é exatamente a luta das mulheres em adquirir direitos iguais, através da consciência coletiva para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Essa noção equivocada carrega o pressuposto de que todos os espaços femininos seriam ambientes em que o patriarcado e o pensamento sexista estariam ausentes (hooks, 2020).

A sociedade tenta impor um determinado padrão de comportamento para as mulheres, fazendo com que estas se preocupem constantemente sobre o que vão fazer, usar, vestir, falar, etc. Esse tipo de bloqueio emocional prejudica a autoestima, os relacionamentos, a personalidade e as ações cotidianas. É necessário que haja união para mudar definitivamente essa cultura enraizada, que tem como consequência a limitação das mulheres e a sua insegurança (VEIGA, 2021).

Escolher práticas feministas é também decidir pelo amor. O feminismo ultrapassa barreiras e limitações, defendendo todas as pessoas que são exploradas, dominadas e oprimidas. Ele tem como objetivo se tornar uma fonte de esperança para a humanidade (ARRUZZA, 2019). É um chamado para o diálogo e a luta. Aceitá-lo é uma questão de inteligência sociopolítica e amor ao mundo (TIBURI, 2020).

Além de contextualizar as distintas realidades entre mulheres europeias e brasileiras, Nísia Floresta desafiava os homens a argumentar porque elas eram proibidas de estudar e qual o



motivo de serem ensinadas apenas as atividades do lar, ao tempo que eram impedidas do exercício da medicina ou da advocacia. Suas ideias feministas destacavam o fato de serem tão capazes ou mais que os homens, podendo exercer qualquer atividade. A indignação perante o sistema de dominação masculina, regido pela máxima de que as mulheres deveriam se ater aos afazeres domésticos enquanto os homens cuidavam da política, perpassou a vida de Nísia. "[...] o livro de Nísia Floresta se ocupava em demonstrar que as mulheres eram seres dotados de inteligência, capazes de estudar e de ocupar espaços públicos, tanto quanto os homens" (DUARTE, 2021, p. 9).

Nísia Floresta foi uma mulher à frente do seu tempo. Rompendo com os estereótipos de gênero impostos pela sociedade, ela enfrentou a discriminação e o preconceito inerentes ao machismo e as críticas por seu posicionamento, mas isso não a impediu de perpetuar seu legado para as gerações futuras. Todas as contribuições sociais, políticas, feministas e educacionais da pioneira ultrapassam as barreiras do tempo e, mais de cem anos desde o seu falecimento, o pioneirismo de seus ideais é perpetuado.

Conclusão

A única conclusão concebível como verdadeiramente efetiva em longo prazo é uma apropriada reordenação da consciência coletiva sobre o ser mulher e sua relação com o sexo masculino. Logo, é necessária uma subversão da lógica, até aqui dominante, da violência e da existência de superioridade de um sexo sobre o outro, portanto, uma verdadeira subversão desta visão antiquada de sociedade (ROSENBERG, 2006).

Essa nova compreensão dos conceitos é possibilitada através da reflexão, primeiramente interna familiar, sobre como anda a nossa construção de hierarquias no lar. Existe diálogo e participação tanto do homem quanto da mulher nas decisões concernentes à casa, aos filhos, ao futuro e à capacitação? Como está a divisão de tarefas domésticas? Há liberdade para a decisão de conquistar a autonomia financeira da mulher? Ela exerce o direito ao estudo, ao lazer e à convivência com outros familiares e amigos?

Momentos como o ora vivenciado permitem esses questionamentos para contribuir com a conscientização da condição feminina, bem como a necessidade de luta pela equidade de gênero em todos os ambientes. É indispensável que a mulher tenha escolhas para ser quem ela quiser.

Esse estudo pode contribuir para que outras mulheres percebam a importância da atuação feminista, conscientizando e educando através da pesquisa. Com base nos resultados, pode ser concluído que a formação feminista não se trata de um momento ou preparação específica. Ela consiste na evolução coletiva, social, política e moral que acontece de forma constante, através da prática de atitudes e princípios como respeito, igualdade e liberdade, que são transmitidos e acontecem em todos os ambientes pela união e empatia das mulheres.

Se houvesse uma formação contínua acerca dos direitos humanos das mulheres, bem como sobre a necessidade de tratamento igualitário e respeitoso, o combate à discriminação de gênero e todos os demais aspectos e princípios trazidos pelo movimento feminista, desde a educação



primária e até o ambiente universitário, talvez não fosse necessária a preocupação trazida por esta pesquisadora em conscientizar adultos sobre os conceitos básicos de liberdade, igualdade, respeito e empatia.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Christina Baum – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARRUZZA, Cinzia; FRASER, Nancy; BHATTACHARYA, Tithi. **Feminismo para os 99%**. Um manifesto. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BIROLI, Flavia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. A condição feminina e a violência simbólica. Tradução: Maria Helena Kuhner – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta presente**: uma brasileira ilustre. Natal: Mariana Hardi, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HORITA, Clari Ana. **A epistemologia de Durkheim através da violência doméstica como fato social**. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/revistacabore/article/view/4021/482483823>. Acesso em 30 ago. 2023.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libanio. 14 ed – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flavia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

MOURA, Nayara Aparecida. A primeira onda feminista no Brasil: uma análise a partir do jornal “A Família” do século XIX (1888-1894). **Revista da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v.2, n.2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/241600/32722>. Acesso em: 30 ago. 2023.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**; tradução Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, Ana Célia de Sousa. **Pedagogia feminista na construção de uma “alternativa de gênero”**. In diásporas, diversidades, deslocamentos. 2010.

SWAIN, Tania Navarro. **Quem tem medo de Foucault**: feminismo e a destruição das evidências. Brasília, 2017.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 14ª ed: Rosa dos tempos, 2020.

VEIGA, Valéria. **Mulheres**: façam o mundo tremer com as suas vozes. ISBN: 978-65-00-20893-1. 2021.

Agradecimentos

Agradecemos às feministas, que ensinam, escrevem e lutam por um mundo igualitário.

